Alma de vampiro

Elizabeth Smith

"O amor verdadeiro resiste à passagem do tempo, independe de sexo, cor, altura ou condição social. Só aqueles que amam dessa forma sabem o verdadeiro significado da palavra imortal!"



Índice:

Capítulo 1..... Um homem solitário

Capítulo 2.....O caso das bolsas de sangue

Capítulo 3.....Uma noite sangrenta

Capítulo 4.....Eu sou um vampiro

Capítulo 5.....vidas passadas

Capítulo 6.....Em busca do obayifo

Capítulo 7.....Imortalidade

Capítulo 8.....A escolha

Capítulo 9.....Um novo começo

Capítulo 10.....Instinto

Capítulo 11.....Estranhas mortes

Capítulo 12.....Eva

Capítulo 13.....Alma de vampiro

Capítulo 14.....O kokumuo

Capítulo 15.....O tempo

.....

Capítulo 1

""Um homem solitário"

São Paulo, 10 de fevereiro de 2223.

Dois séculos se passaram e muita coisa continua igual nessa cidade, as pessoas caminhando apressadas pelas ruas, olhos no relógio, pés pressionando o acelerador, esta é São Paulo, a cidade que nunca dorme!

Eu não tenho a necessidade de me preocupar com o tempo, afinal... Eu tenho todo o tempo do mundo. Que atire a primeira pedra aquele que nunca sonhou com a imortalidade, esse já foi o sonho de muitos, desde filósofos até alquimistas, todos buscavam por um elixir. Por obra fria do destino acabei encontrando o segredo para a imortalidade e pagando o seu preço também. Meu nome é Maya, tenho exatamente 234 anos, mas com uma aparência de 23! Isso porque foi exatamente com essa idade que eu dei adeus a minha vida humana e morrendo lentamente renasci para uma nova vida e passei a habitar um mundo novo, um mundo de sombras, repleto de luxuria, sangue, mortes e arrependimentos.

Tudo aconteceu no ano de 2012, o ano da profecia! O ano em que morri e renasci como loba faminta em um mundo de cordeiros. Eu era uma moça comum, tinha um namorado, um emprego e uma vida social muito agradável, tinha acabado de me formar em medicina e começado a trabalhar em um hospital público da cidade, o Santa Catarina. Meu sonho sempre foi trabalhar com os mais necessitados, eu sabia das dificuldades que a população sofria nos hospitais públicos, queria de todo o coração aliviar-lhes o sofrimento prestando um atendimento digno de meus votos. A situação do Santa Catarina era bastante precária, não tínhamos recursos suficientes para tratar de tantos pacientes, o diretor, doutor Douglas Moraes enviou várias cartas a prefeitura pedindo mais recursos, tudo inútil, a situação não mudava. Eu fazia o que podia para aliviar a dor daquelas pessoas mas nem sempre conseguia salvar todos os meus pacientes e quando perdia uma vida, sentia uma profunda dor na alma.

Trabalhava no plantão noturno, das 21:00 hs até as 03:20 hs da madrugada, era nesse turno que se davam os casos mais bizarros, certa vez atendi um paciente com 80 agulhas enfiadas em seu corpo, era um menino de 12 anos, vítima de um ritual de magia negra. Naquela época eu não conseguia compreender como a mente humana poderia ser

capaz de tamanha atrocidade. Os pais do menino foram presos acusados do crime, dias depois foram liberados, afinal a justiça no Brasil funciona assim, não funcionando! Consegui salvar o garoto mas o trauma iria permanecer em sua mente até seus dias finais.

No dia 7 de abril um novo médico entrou para a equipe do plantão noturno, o doutor Gabriel Oliveira. Ele era um homem bonito, cabelos negros e ondulados, pele branca um tanto pálida, cerca de um metro e oitenta de altura e aparentando uns 34 anos. O doutor Gabriel era extremamente educado, culto e bastante reservado, falava muito pouco e estava sempre com pressa. Apesar do porte sério era um tanto desajeitado e sempre deixava seus papeis caírem no chão. Seu olhar era bastante penetrante, tinha um certo magnetismo. Desde a primeira vez em que o vi senti algo diferente por ele, algo que não havia sentido por mais ninguém, nem mesmo por Pedro, meu namorado. Eu evitava sempre que podia um contato mais próximo com o doutor Gabriel, tinha medo daquele sentimento, Pedro era o único homem em minha vida. Certo dia um médico do período da manhã se demitiu por conta do salário baixo, ao doutor Grabriel foi oferecido o horário matinal, ele recusou de imediato dizendo que preferia trabalhar a noite pois durante o dia tinha

outros compromissos, o horário ficou para o doutor Raul diante da então recusa de Gabriel. Era o fim do meu turno, troquei de roupa e fui para o meu carro, fazia frio e chovia forte, liguei o carro e para meu azar ele não funcionou, depois de várias tentativas frustradas, percebi que alguém batia no vidro, era Gabriel. Ao perceber que eu estava com problemas ele gentilmente ofereceu-me ajuda, deu uma olhada no carro e fez o que pode mas não conseguiu resolver o problema.

- Sem condições, isso é caso para um bom mecânico, já fiz tudo o que sabia!

- Tudo bem, eu agradeço muito doutor Gabriel! Vou ver se consigo um taxi, afinal não tem mais ônibus a essa hora.

- De forma alguma! Eu levo você em casa, meu carro está ali do lado, e não precisa me chamar de doutor, me chame apenas de Gabriel.

- Obrigado, mas eu não quero te dar trabalho dou.... quer dizer Gabriel.

-Não é trabalho nenhum, eu ficarei até ofendido se você não aceitar a carona!

Diante da argumentação de Gabriel, aceitei a carona para casa. Durante o percurso, ele foi muito agradável, conversamos sobre artes,

medicina e sobre a situação precária do Santa Catarina. Tínhamos muita coisa em comum, gostávamos dos mesmos livros, seriados e até dos mesmos tipos de comida. Reparei que ele não tinha aliança e ao perceber que eu o olhava ele me perguntou se eu era solteira.

-Não quero ser atrevido Maya, não responda se não quiser.

- Ah não...tudo bem, eu tenho namorado, o nome dele é Pedro, ele é advogado.

- Pedro é um homem de sorte!

-Obrigado! E você? Namora?

-No momento não, eu tinha uma noiva, mas ela morreu há muito tempo...

-Sinto muito Gabriel!

-Tudo bem, como eu disse, isso foi há muito tempo!

-Não namorou mais ninguém desde então?

-Não. Sou um homem solitário!

Daquele dia em diante, Gabriel e eu nos tornamos muito próximos, a cada dia nossa amizade crescia mais e o tempo passava incrivelmente depressa quando estávamos juntos.

Capítulo 2

"O caso das bolsas de sangue"

Era meia noite, depois de ter atendido alguns pacientes e ver que não havia mais ninguém na sala de espera, desci até o refeitório. Gabriel já estava lá, sorridente e muito bem disposto.

-Descemos na mesma hora para o lanche! - disse Gabriel sorrindo

-Pois é, parece até telepatia! Como está tudo tranqüilo agora resolvi aproveitar para comer alguma coisa.

-A mim ocorreu o mesmo!

-Vamos pedir alguma coisa na cantina então?

-Perdoe-me, eu já fiz minha refeição, não sabia que você também viria se não teria te esperado, mas lhe farei companhia enquanto você come.

Me dirigi até a cantina e pedi a dona Nice, a senhora que preparava os lanches, o mesmo que Gabriel havia pedido.

-Mas ele não comeu nada Maya – respondeu-me ela com surpresa, ele nunca come nada, apenas se

senta lá e lê algum livro ou fica calado com cara de pensativo.

-Que estranho, ele me disse que já comeu.

-Só se foi em outro lugar, aqui ele nunca comeu!

Pedi um lanche e fui me sentar com Gabriel, não comentei nada com ele, afinal ele poderia mesmo ter ido comer em outro lugar, ainda haviam alguns bares abertos aquela hora.

10 de Agosto de 2012.

Acordei cedo para lavar roupa e dar uma arrumada na casa já que receberia a visita do meu namorado à tarde. Liguei a TV no canal 7 para ver o Jornal Matinal e uma notícia capturou a minha atenção:

"Cinco bolsas de sangue desapareceram misteriosamente do estoque no Hospital publico Santa Catarina. Funcionários do hemocentro perceberam o sumiço esta manhã enquanto faziam a contagem. O caso foi registrado na 151ª DP e as autoridades agora investigam o caso".

Será que algum funcionário estava desviando as bolsas para um hospital clandestino? Isso só o tempo diria, teria que esperar a conclusão da polícia antes de levantar alguma hipótese.